

Democracia já

INDIGNAÇÃO CRESCE EM TODA A EUROPA

Manifestantes vão às ruas reivindicando mudanças no sistema frente à crise econômica, política e social

Por Roberta Adena

Dia 15 de maio. Praça da Catalunha, Praça da Bastilha, Praça do Sol, Praça Syntagma. Aos poucos as praças são ocupadas por jovens, adultos e crianças. A população indignada luta contra a supressão de seus direitos básicos. Na Espanha, o movimento reuniu 20 mil pessoas na praça do Sol, em Madrid e serviu de exemplo para outros países vizinhos que também sofrem as mesmas consequências da crise econômica mundial, como o desemprego, os cortes nos salários e o aumento dos impostos.

As manifestações organizaram-se desde o início deste ano. Em março, por exemplo, Lisboa e Porto reuniram mais de 200 mil pessoas em protesto contra a precariedade das condições de trabalho e dos baixos salários. Por meio de artigos em blogs e com o uso de redes sociais, os manifestantes organizaram o encontro de 15 de maio em inúmeras cidades do continente.

Em Portugal, na Espanha e na Grécia, os índices de demissão foram os mais altos da história, com quase 15% entre os espanhóis. Os países baixos e nórdicos foram os menos. Os países centrais da Europa também começam a apontar índices preocupantes. Na Inglaterra, por exemplo, o centro financeiro City de Londres já anunciou mais de cinco mil demissões, vistas ainda como o início de uma onda de desemprego. Os países nórdicos e os países baixos foram menos afetados, mas ainda assim, tiveram um significativo aumento no número de desempregados. Cresce, assim, o contingente de indignados por toda a Europa.

Centenas de pessoas dividem um espaço de discussões e críticas à situação precária que atinge toda a sociedade e, principalmente, questionam-se a respeito da democracia na qual vivem. Os acampamentos nos centros das cidades chamam a atenção não só da mídia, mas também da população, já sufocada com a falta de perspectivas sociais e econômicas.

Seis meses depois do primeiro grande ato de 15 de maio, 82 países confirmam presença em uma manifestação conjunta no dia 15 de outubro. Conhecido como 15-O, o movimento reuniu diferentes pessoas de diferentes países, cada um com suas indignações. Porém, todas contra um sistema que pauta seus objetivos em uma minoria, enquanto a sociedade é responsabilizada por decisões das quais nunca participou.

O manifesto "democracia já" escrito por indignados espanhóis critica esse desequilíbrio democrático. "Alguns de nós consideram-se mais progressistas; outros, mais conservadores. Uns crêem, outros não. Uns têm ideologias bem definidas, outros se consideram apolíticos... Mas todos estamos preocupados e indignados com o panorama político, econômico e social que vemos em nosso redor. Com a corrupção dos políticos, empresários, banqueiros... Com a condição inde-



Os indignados na Praça da Catalunha

"Eu acho que isso é só o começo"

Os protestos começaram no dia 15 de março, depois da Primavera Árabe que se espalhou pelo norte da África. A principal razão para levantarmos o acampamento no centro da cidade foi a situação econômica no país, a má administração da crise feita pelo Governo e a falta de uma real democracia na Espanha. Os protestos foram ignorados pela mídia no início (Aquele protesto do 15 de Maio, feito pelo "Democracia Real Ya") mas, depois de alguns dias acampando no "acampa Barcelona" e no "acampadasol" (em Madrid) a atenção da mídia (nacional e internacional) foi chamada. Claro, a mídia não era a única forma de ser informado. Assim como na Primavera Árabe, as redes sociais como o Twitter ou Facebook foram a chave do sucesso desse movimento. Nós descobrimos que essas ferramentas eram muito poderosas pra nos conectarmos com as pessoas e que elas fossem facilmente informadas. E também, quando algo ruim acontecia (como no 27-M, quando a policia queria nos tirar da praça) essas ferramentas nos permitiram informar o que estava acontecendo e a resposta das pessoas foi imediata.

Algumas semanas depois, Plaza Catalunya era o lugar perfeito para quem quisesse colocar questões políticas e propor algo ou ser ouvido. Aqueles dias foram incríveis, todo mundo compartilhava ideias em um trabalho conjunto para uma causa de bem comum. A ideia que essas pessoas acreditavam poder mudar esta falsa democracia e todo o sistema era solidariedade. As pessoas não mudaram suas posições, mesmo tendo que enfrentar ataques da imprensa e de outros meios midiáticos depois do dia 15 de junho, o dia em que protestamos em frente ao Parlamento catalão, onde ataques violentos ocorreram. No dia 19 de junho havia mais de 260 mil pessoas nas ruas de Barcelona e tres meses depois, no dia 15 de outubro, mais de 350 mil pessoas. O apoio ao movimento cresceu significativamente e surgiu em outros países como a Grécia, Itália, France, Belgica, EUA e Chile, porque os problemas e as lutas são as mesmas devidos à globalização.

Atualmente, a pobreza cresceu na Espanha, com mais de 24% de pobreza, concentrada nas camadas mais frágeis da população (jovens, com menos de 30 anos, e idosos, com mais de 65 anos). Na verdade, os protestos baseiam-se nisso, eles refletem essa situação.

A crise econômica começou em 2008, mas a crise social começou agora. Eu gostaria de estar errado, mas eu acho que isso é só o começo.

A União Europeia está prestes a ruir por causa do caro resgate grego, irlandês e português, e também por causa da corrupção dentro dos partidos políticos.

Por fim, eu não acho que a Europa consegue resolver essa crise com soluções neo liberais, porque foi justamente o liberalismo que trouxe o ocidente para essa situação. Precisamos de soluções verdadeiramente esquerdistas, movimentos sociais como o 15-M e uniões com verdadeira capacidade de mudanças. Não podemos decidir que apenas um por cento decida pelos 99%. **(Dan Ramos Sánchez, 29 anos, Espanha)**

fesa do cidadão comum.”

Com auge em 2008, a crise iniciada nos EUA, como consequência da especulação do ca-

pital financeiro, agravou problemas econômicos já vigentes em países da União Européia, como a Grécia, Espanha, Irlanda, Portugal e Itália, que já possuíam uma dívida extremamente alta com o

FMI e com os países centrais da União Européia. Esses países experimentaram um alto crescimento desde a adoção do euro, o que incentivou os governos a gastarem mais, adquirindo novas dívidas. Com a crise financeira estadunidense, houve uma recessão em todo o continente europeu, levando os países periféricos a um acúmulo de despesas. Assim, o risco de calote aumentou as incertezas nas transações comerciais, fragilizando-os ainda mais.

Em pouco tempo, portanto, os efeitos da crise tornaram-se globais e o sistema capitalista vigente como um todo mostrou novamente uma de suas principais características: a coexistência com crises econômicas cíclicas. O capitalismo sobrevive da busca por maiores lucros. Investe, assim, nas matérias-primas para produzir e concorrer com os preços do mercado. Porém, o aumento dos lucros leva também a um aumento dos gastos com mais meios de produção, e assim o processo se repete em um ciclo de crescimentos e crises.

Com alguns países afundados em dívidas, a União Europeia viu-se diante do desafio de manter a estabilidade de sua moeda única, sem que nenhum dos países mais afetados economicamente precisassem sair da zona do Euro. A alternativa seria o corte nas despesas do setor público para que as dívidas com os bancos fossem quitadas. O resultado apontou uma sociedade ameaçada pelo alto desemprego e sem perspectivas econômicas. As manifestações continuam lotando as ruas da Europa na tentativa de conquistar uma real liberdade na democracia vigente.

“A violência dos ricos não é mais legítima que a nossa”

Bom, eu me juntei ao movimento francês bem rápido, logo que tomei conhecimento. Um pouco antes da manifestação do 15-M. No começo eu tava bem entusiasmado (Tinha tido as revoluções árabes, o movimento na Espanha).

O começo foi bem positivo, havia muito a vontade de fazer alguma coisa nova. Mas rapidamente, muitos problemas começaram a aparecer:

A organização era super complicada, muito institucionalizada: Na verdade tinha uma Assembléia Geral, a cada 3 ou 4 dias, que nos dava o trabalho das comissões. Tinha uma comissão pra cada coisa (comunicação, ação, democracia). As pessoas das comissões controlavam as Assembléias Gerais, e esses que controlavam as comissões controlavam tudo – os estudantes ou os desempregados que estavam livres todas as noites. Os outros, os trabalhadores que vinham quando podiam se viam diante de fatos já finalizados: “as comissões decidiram que...”.

Os militantes dos partidos (que eram bem excluídos), começaram a boicotar o movimento porque eles viam um partido rival, eles consideravam que a “Revolução” deveria ser feita pelos militantes “profissionais” e eles não queriam que pessoas sem experiência se intrometessem em seus assuntos. Eles eram bem imaturos: na maneira leninista deles de pensar, a Revolução deve ser feita pela guarda de frente conscientizada, ou seja, apenas eles. Assim, as pessoas “habitadas”, os militantes não vinham, não passavam de idiotas (os militantes são idiotas também, mas ao menos eles tem experiência).

A penúltima vez que eu vim, eu tomei a palavra pra dizer que os ricos não deixariam que os desapropriassem sem se defender, que a violência deles não era mais legítima que a nossa. Eles concordaram, mas não disseram nada.

Idéia importante: No fundo, os indignados pensam ingenuamente que se pedirmos gentilmente, os poderosos compreenderão. As pessoas sabem muito bem que isso é falso, e que só a violência pode mudar as coisas. É por isso que elas não se juntam aos indignados.

Pouco a pouco, tornou-se pouco democrático: tinha gente que monopolizava a palavra em cada comissão. As pressões eram feitas em cima daqueles as contradiziam, eles os calavam rapidamente. Por exemplo, um de meus amigos tomou a palavra pra denunciar essa organização estúpida, e todos da comissão gritavam “cala a boca, idiota”. E aí ele se irritou, perdeu suas motivações e não convenceu ninguém. É normal que os anarquistas façam pressão sob os socialistas nas greves, mas ali era o contrário: a ditadura foi colocada pelos sócio-democratas. **(Anônimo, 32 anos, França)**

© Roberta Adena



Contra a violência das armas financeiras



Indignados em frente ao Banco da Espanha

© Nina Savenberg

“Temos que descobrir juntos o futuro que queremos criar”

Minha experiência na Liberty Plaza (Zuccotti Park) em Nova Iorque foi linda. Eu estava lá antes da evacuação do dia 14 de novembro, e posso dizer pra vocês que foi incrível. Claro que havia muito trabalho para ser feito, desafios a serem vencidos e questões a serem respondidas, mas apenas um louco iria pedir por um sistema perfeito com soluções perfeitas em alguns meses, ou mesmo em alguns anos. Como comparação, deve-se lembrar que o sistema vigente demorou décadas para sedimentar-se, e tornou-se pior em muitos casos.

Mas eu não creio que destruindo o velho sistema é a resposta, ou como Buckminster Fuller diz “ Para mudar algo, construa um novo modelo capaz de tornar o modelo vigente obsoleto.” Antes de mais nada, precisamos de uma discussão, um novo entendimento do que se é dispensável nessa engrenagem, do que está equivocado e de cabeça pra baixo. Aí então poderemos recomeçar, construir algo novo, com novas ferramentas.

É toda essa discussão que me deixa animado com o movimento. Não há certo nem errado, mas temos que descobrir juntos que tipo de futuro queremos criar.

Durante minha viagem à Europa, pude perceber que o continente estava ruindo. Todos me perguntavam sobre as manifestações e principalmente quais eram os nossos fundamentos.

Eu tive muita sorte de poder estar envolvido em um movimento social deste cunho. A crise global, como vocês sabem, chegou a um ponto no qual todos foram afetados e se deram conta de que algo tem que ser feito a respeito.

Mesmo que o meu foco não seja econômico, este foi o alvo da mídia e das discussões.

Eu fico feliz de ver que me envolvi nisso tudo e que as questões que estão sendo tratadas me interessam muito: comida, combustível e água.

Agora estou de volta ao norte da Europa. Temos “sorte” que aqui há leis e regulamentações mais rígidas, então não somos tão afetados pela crise e esse desastre econômico está mais afastado de nós. A confusão aqui não é tão grande quanto no sul da Europa e na América do Norte.

Eu aprendi muitas coisas e os diálogos continuam, e assim ouço as vozes de novas pessoas com novas ideias. **(Anatoli Iastremski, 25 anos, Suécia)**